

“ESCREVER É ABALAR O SENTIDO DO MUNDO (...)” –  
E ENSINAR A ESCREVER É ENSINAR A ABALAR O SENTIDO DO  
MUNDO DE QUEM?

Ester MAMBRINI  
(UFRGS)

O primeiro problema, a meu ver, no ensino de produção textual na Universidade, é a referência obrigatória ao texto dissertativo, uma vez que ele é (quando isso chega a acontecer) a única experiência de escrita do aluno, ressalvadas as raras exceções entre aqueles que, ao desviarem-se dos limites que a escola lhes impõe, acabam por construir, sozinhos, um outro percurso de escrita. As restrições dessa menção obrigatória ao texto dissertativo na produção textual têm outra amarra, ainda mais séria: a que resulta do texto dissertativo concebido como uma estrutura rígida na qual se dá um jeito de incluir idéias, cuja relação se estabeleça por alguns nexos, de preferência entre os que melhor possam forjar a erudição do autor.

Se não for o texto dissertativo, a outra possibilidade de referência é a prosa de ficção da Literatura Brasileira. E aí, tomá-la como referência para produção textual tem duas implicações muito delicadas. Primeira: o aluno acha – foi ensinado a achar – que “isso é coisa de escritor”, e, portanto, astronomicamente distante de sua realidade e da possibilidade de escrever

como um deles. Segunda: a leitura da literatura, na escola, é orientada para determinado sentido, ou melhor – o que acaba sendo pior, para determinadas características da obra que a inscreve em uma determinada escola literária. A respeito do texto de ficção, essa (não-leitura deve ser regra geral, uma vez que os alunos, ao lançarem mão dessa referência, nunca o fazem a partir das leituras que extrapolem as principais características da escola literária na qual se inscreve a obra. O sentido, o valor, a importância da leitura de ficção não se dá pela compreensão de que a condição humana dos personagens criados na literatura brasileira é tão problemática quanto a nossa: o distanciamento entre o leitor e os personagens é tão astronômico quanto o que separa o aluno do escritor.

É no meio disso que começa a provocação do que chamo de desmoronamento das convicções a respeito da escrita, resultantes da prática escolar: que a produção do bom texto é restrito aos dotados de inspiração literária, também conhecida e propagada aos quatro ventos como o dom para escrever bem e que a produção de um texto restringe-se ao modelito dissertação-para-o-vestibular.

É aqui também que começa o abalar do sentido do mundo: abalar esse (não-)sentido que se dá ao escrever é o primeiro passo para o ensino da escrita, considerando, aqui, a minha recente atividade docente em produção textual nas disciplinas iniciais do Direito, da Comunicação Social e Biblioteconomia da UFRGS, a partir de 1998.

Devo dizer, entretanto, que isso só me foi possível entender a partir do

meu próprio percurso de escrita. E é desse abalo de sentido que vou falar agora.

Durante minha vida escolar, meus textos eram tidos como os exemplares, aqueles que o professor lia em aula depois de devolvê-los sem nenhuma correção em vermelho, sem que, desse exemplo de bom texto, fossem discutidas suas eventuais qualidades para que os colegas pudessem compreendê-las e, quiçá, incorporá-las aos seus próprios textos. Eram um bom exemplo e ponto; eu era uma das raras criaturas ungidas pelo dom de escrever e os colegas que se contentassem com sua reles insignificância e que aceitassem sua incapacidade de produzir algo parecido como uma condição expressa e inalterável. A natureza não os privilegiara com tal possibilidade.

Somente no semestre final da graduação em Letras é que tal convicção foi abalada, na verdade, desconstruída. Do alto do Everest, eis que desmorono, de supetão, à mais rala e árida planície da face da terra. Era um texto perfeito, sob todos os pontos de vista: bem escrito, idéias articuladas, bom nível sintático, nenhum erro gramatical, elipses maravilhosas, uma que outra metáfora igualmente brilhante. Foi na disciplina 'Conteúdos Programáticos', com o Professor Paulo Guedes, e o texto falava sobre os meus modelos de professor de português. Foi lido em aula, mas foi como se não tivesse sido. Passadas três semanas de expectativa sobre o que o professor tinha achado, lá, na sua leitura solitária, ele apenas comentou que ainda não tinha achado o que dizer sobre meu texto. Quando o recebi, enfim, na semana seguinte, as anotações do professor surtiram em mim o

efeito de uma catástrofe: o texto está mais para não dizer aquilo que deveria ter sido dito. Bingo. Ele tinha descoberto a fraude. Ele tinha percebido, lido nas minhas linhas tão bem produzidas aquilo que, na verdade, eu me recusava a dizer, me recusava a partilhar com meus colegas, obrigando-me a reconhecer naquele meu trabalho brilhante o próprio mascaramento do texto escolar: o texto destituído de sentido. Três páginas de texto pra não dizer nada. Foram necessários 25 anos de escrita para que alguém me dissesse que a estrutura competente do ponto de vista lingüístico, alavancando umas duas ou três idéias bem articuladas, não era suficiente para dar sentido a um texto.

A crise pessoal que se seguiu a esse desmascaramento repercute até hoje, passados dois anos, oito disciplinas, quatrocentos alunos e seus mais de cinco mil textos produzidos e lidos em sala de aula, junto aos colegas, e por mim, em casa, em leituras que tentam desmascarar no texto seu sentido forjado, falsificado, simulado, encoberto, raramente declarado.

Então, minha recente experiência em ensino de produção de textos tem estado prioritariamente direcionada à pergunta essencial: o que o aluno quer mostrar – ou, mais freqüentemente, esconder – com os textos que produz? Revelar aos alunos que foram treinados na produção de falsos-textos, ou, em outra medida, fazer derrocar as idéias que eles têm a respeito do que seja um texto competente é o trabalho prioritário, a cuja natureza mais resistência encontramos. Trata-se, sem eufemismos, de dizer pro aluno que o texto dele não é nem de perto (tão?) bom quanto ele acha que é.

Para ilustrar esse direcionamento, transcrevo fielmente o texto de uma aluna do Jornalismo/UFRGS-98/2, produzido já no bloco final do percurso discursivo: texto dissertativo, tema livre.

## Escrito

Escrever é algo muito assustador. Implica em um monte de verdades ou mentiras disfarçadas de verdades escritas em um papel fazendo com que pessoas, ao ler o que você escreveu, se identifiquem ou não contigo. Por isso é algo tão pessoal, tão sério e que me apavora. Por isso, também, faz algum tempo que tenho tentado escrever algo e não consigo sair da primeira linha. É aquela história do papel ser a Baleia Branca querendo nos engolir, mesmo sabendo que no final a gente sempre mata a Baleia porque conseguimos escrever alguns signos. Mas aí é que está: escrever qualquer coisa todo mundo escreve, mas e a arte de escrever? E eu, futura jornalista, escrevendo? Por que simplesmente não redigimos tudo o que pensamos ou falamos?

Sabe-se lá o que pensava o homem das cavernas quando inventou a escrita ou melhor, a pintura rupreste, que no final acaba dando no mesmo. Vai lá saber se ele só queria decorar sua caverna com seus manuscritos? Algo do tipo pichar muros nos nossos dias? Certo mesmo ninguém garante que ele queria se comunicar com outras pessoas. Mas com certeza, pode-se dizer que, desta forma, ele conseguia comunicar-se com si próprio, organizando seu pensamento. E nós, sapiens, não parecemos ter mudado o hábito ainda. Escrever é um ato bastante egoísta em que sozinho você pensa sobre você, suas idéias, suas emoções e bota tudo no papel. E a verdade é que você nem se lembra que existe um leitor. Mas então por que a gente simplesmente não escreve, qualquer coisa, em total liberdade?

Porque escrever, além de tudo, serve para cada um se auto-afirmar. Afinal, se eu sei organizar meus pensamentos no papel, ele prevalece sobre os demais. Além do mais, se alguém gosta do que está escrito, provavelmente (e isso eu deixo para Freud explicar) gostará do escritor. Logo o escritor, será uma pessoa querida e respeitada e quem não quer ser reconhecido? Mas aí eu caio no erro de achar que devo escrever o que os outros gostam e contrario tudo o que foi dito até agora sobre a escrita como uma forma de expressão.

E acaba naquele tão famoso conflito que atinge a arte: faço para mim ou para os outros? Resolvendo o impasse, deram-nos a idéia de que a gente devia mesmo escrever, até para os outros lerem, mas impondo sempre nosso estilo. E pensando nisso, lembrei de uma das participantes do nosso "Manual de redação"<sup>1</sup> e o seu texto abordando a dificuldade em compor músicas. Daí que eu percebi que escrever inclui muito dos medos e pré-conceitos que a sociedade nos impõe ao "criar". Por exemplo: quantas vezes alguém me disse pra deixar de escrever porcaria, refazer meus textos, aprender a escrever? E aí que criar também não é coisa fácil. Tudo bem que cada um é único e tem uma personalidade própria, mas atingir um estilo próprio na escrita é bem diferente. Algô como andar em um corredor escuro, onde só alguns acharam a saída. E se você conseguir, ainda assim seus problemas não terão sido resolvidos, talvez eles terão mesmo começado.

Dominando a palavra, você é responsável por todos os seus semelhantes, em especial aquelas pessoas que não tiveram a mesma sorte em achar a luz no fim do corredor. Com o seu Dom, você será a expressão de milhares de leitores. Você pode magoá-los, alegrá-los, distraí-los, enojá-los, destruí-los em seu e com seu texto. Ah! E o que estiver escrito vai ficar um tempão grafado no papel. Se a idéia for estúpida, só dá pra corrigir em outra edição ou rebater com outro texto. Por isso, é sempre melhor ponderar e prevenir do que remediar.

Enfim, escrever envolve muita responsabilidade ... E é justamente isso que mais me preocupa e me assusta. Então por que eu escrevo? Talvez porque todo mundo tem um pouquinho de mártir, mas certamente porque gosto, porque preciso. Escrever é uma necessidade. Algo como respirar. Respiro grafite e tinta. Quando escrevo sou livre, sou dona de mim mesma. Invento mundos, escrevo manifestos, dou vida à monstrosinhos. Pode até ser uma auto-afirmação. Talvez pretenda provar para todos e para mim mesma o quanto sou útil. Talvez! Mas a verdade é que eu, usuário dependente, tenho medo de escrever. E mais medo ainda de quem não tem.

O texto não chegou a ser lido em aula pois nem sempre é possível ler todos os 35 em cada uma das etapas. Ao lê-lo em casa, a mais importante

---

<sup>1</sup> A disciplina Comunicação em Língua Portuguesa I tem por base o "Manual de Redação" e o resgate da discursividade, terceiro capítulo da tese de Doutorado do Professor Paulo Coimbra Guedes: Ensinar português é ensinar a escrever literatura brasileira. PUCRS, 1994. O "Manual" prevê uma seqüência de doze textos durante o semestre: um bloco inicial de dois textos, seguido de dois textos narrativos, quatro descritivos e quatro dissertativos.

coisa que eu tinha a anotar no texto era a sua evidente falsificação, que se serve de um monte de lugares-comuns sobre o tema e só na última linha é que diz a que veio: tenho medo de escrever. E mais medo ainda de quem não tem. Sublinhei e anotei “isso é” no texto, grifando o “isso é”, acrescentando à anotação a necessidade de reescrevê-lo<sup>2</sup>.

Retomo a epígrafe-título deste artigo e completo-a agora: Escrever é abalar o sentido do mundo, aí fazer uma interrogação indireta que o escritor, em vista de um suspense derradeiro, abstém-se de responder. A resposta é dada por cada um de nós, que para aí transporta sua história, sua linguagem, sua liberdade; mas como história, linguagem e liberdade mudam infinitamente, a resposta do mundo do escritor é infinita: não se pára jamais de responder ao que foi escrito longe de toda resposta. Afirmados, a seguir postos em confronto, os sentidos passam, a questão permanece.

Não se pára jamais de responder ao que foi escrito longe de toda a

---

<sup>2</sup> Inclusive os problemas de expressão que, numa leitura tradicional, seriam apontados em vermelho. Obviamente, o texto tem problemas também em outros níveis, mas a inclusão dessa dissertação aqui pretende apenas demonstrar um dado corrente nos textos dos alunos, qual seja, a falsificação de sentido, escondido mais do que revelado. A reescrita, aliás, é uma das tarefas mais importantes na produção textual. No exemplo transcrito, a própria autora deveria ter entendido que o que valia a pena naquele texto era sua última frase, e aí ter começado outro cujo eixo temático bem determinado – o medo que tenho de escrever e o pavor que tenho de quem não tem medo de escrever – poderia acabar revelando o sentido que a pergunta evoca. Independente deste entendimento do aluno, os textos sofrem as indicações de reescrita sempre que não conseguirem alcançar os critérios mínimos de qualidade, através da unidade temática, objetividade, concretude e questionamento, itens bem discutidos em cada um dos blocos discursivos previstos no “Manual de Redação”. Destaco, entretanto, que “sofrer” e “sempre” têm esse sentido mesmo, na grandiosíssima maioria dos textos (Barthes, 1987).

resposta, mas sempre a partir de uma pergunta bem formulada e normalmente negada, tal como exemplifica o texto da aluna: qual o motivo do medo que tenho de escrever e do medo, ainda maior, de quem não tem medo de escrever? Pergunta formulada no final do texto e meramente tangenciada nos seus seis parágrafos; ou seja, o que poderia interessar nesse texto é a resposta que as duas últimas linhas evocam, sem que isso signifique a resposta, única e inquestionável e absoluta. Mas sim, que o texto se construísse na investigação das possíveis respostas à questão – lembrando que a essência do texto dissertativo é a produção de conhecimento – para que, uma vez declaradas, ao invés de omitidas, essas possibilidades pudessem ser confrontadas com as do leitor na relação dialógica do texto<sup>3</sup>.

Tal como aquele meu texto – e tantos outros (mas espero que não este) – que encobriu a questão possível de estabelecer um diálogo com os leitores, o texto da aluna também impede esta relação dialógica, ponto de partida para a constituição de outros sentidos a partir daquele que deveria ter sido constituído no seu texto.

Nenhuma de nós reescreveu esses textos, mas, no que me diz respeito,

---

<sup>3</sup> A autora, neste seu 11º texto, faz referência ao de uma das colegas da disciplina que tematiza o problema da escrita na apresentação pessoal, primeiro dos 12 textos. As relações possíveis entre o texto transcrito e o texto referido são uma indicação concreta de que o texto que escreve sobre “escrever” resulta de uma problematização mobilizada somente depois de muitos textos. O “Baleia Branca” apresenta qualidades somente possíveis depois de muitos outros textos, produzidos por ela num percurso pessoal, declaradamente não-escolar. Somente a partir desse percurso de muitos outros textos – e a não ser que se passe a fazer diferente na escola – é que a “escrita” surge tematizada na produção de textos.



a anotação do professor àquele meu texto foi o detonador de um processo que construo desde então e em cada aula, com cada aluno, em cada um de seus textos, num exercício permanente de apontar a escrita sem sentido – o falso texto – e de construir meus próprios textos, como esse, por exemplo, que estabeleçam a relação dialógica com você, leitor. Em outras palavras, o que este texto tem a ver com sua atuação em sala de aula?, pergunto, longe de toda resposta, pois que história, linguagem e liberdade – a minha e a sua – mudam infinitamente.

No que diz respeito à aluna, ela comentou, em nosso reencontro do início do semestre, que minha anotação em seu texto reboou em sua cabeça durante as férias. Terá abalado o sentido do seu mundo de futura jornalista?

Continuaremos o trabalho neste semestre, em Português/texto narrativo. A questão, também por isso, permanece.

#### Referência bibliográfica

Barthes, R. *Racine*. L&PM, Série Especial, Porto Alegre, RS, 1987.